

“É preciso repensar tudo:

- a) desde a fidelidade ao Deus de Jesus, revelado como amor e misericórdia infinita, e como perdão incondicional, que nos convida a segui-lo e a colaborar com Ele, como filhos e filhas; e
- b) dentro de nossa cultura, cuja autonomia o Vaticano II afirmou dever ser respeitada, estudada e aproveitada”, refere ANDRÉS TORRES QUEIRUGA.



A Ressurreição. Foto: Ricci Sebastiano/ Wikimedia Commons.

a Ressurreição revela o Deus dos vivos que supera a morte

Para o teólogo ANDRÉS TORRES QUEIRUGA, pensar no que significa a ideia de “ressurreição da carne”, nas narrativas acerca da ressurreição de Jesus Cristo, representa que “Jesus não foi aniquilado pela morte”. “Mas que continua a ser ele mesmo na sua identidade pessoal, não diminuída, mas potenciada enquanto glorificada em Deus. A ressurreição da carne – prefiro dizer a ressurreição dos mortos – é uma afirmação de Jesus, já plenamente realizado como Jesus Cristo”, reflete o teólogo. Ou seja, o ator da ressurreição sintetiza, para ele, “o Deus dos vivos e não o Deus dos mortos. O que ressuscita os mortos, todos os mortos e todas as mortas, desde o começo do mundo”.

Entretanto, compreender, hoje em dia, a ressurreição suscita questões que podem levar a pensar nela como uma narrativa mítica ou, mesmo, puramente inventiva. Queiruga, na entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, reconhece que “o sepulcro vazio pertence ao género de narrações em estilo intervencionista. Mas não parece imaginável, tomado ao pé da letra. De facto, não é demonstrável historicamente, ainda que haja quem o pretenda”. Ele ressalva, porém, que a busca duma prova empírica acaba por reduzir o próprio sentido da mensagem de Cristo. “O Ressuscitado ficaria limitado pelas leis espaciotemporais. Não poderia, portanto, estar presente em todos os lugares da igreja e do mundo. O falso realismo levaria à irreabilidade”, adverte o teólogo.

Assim, refletir sobre a completude do Cristo ressuscitado, de forma a não ir além de um conhecimento tutelado pela fé cega, e que não reduza tudo a uma busca cientificista vazia, passa, segundo Queiruga, a ser o grande desafio da teologia atual.. “É preciso repensar tudo:

- a) desde a fidelidade ao Deus de Jesus, revelado como amor e misericórdia infinita, e como perdão incondicional, que nos convida a segui-lo e a colaborar com Ele, como filhos e filhas; e
- b) dentro de nossa cultura, cuja autonomia o Vaticano II afirmou dever ser respeitada, estudada e aproveitada”, refere ele.



ANDRÉS TORRES QUEIRUGA é um teólogo e escritor galego. Foi professor de Teologia no *Instituto Teolóxico Compostelá* e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela. É membro da Real Academia Galega e do *Consello da*

Cultura Galega, e foi um dos fundadores e diretor da revista *Encrucillada*. Dentre as suas publicações mais recentes, destacamos *Fin del cristianismo premoderno. Retos hacia un nuevo horizonte* (Santander, 2000), *Repensar*

a resurrección. A diferencia cristiá na continuidade das relixións e da cultura (Vigo, 2002) e *Para unha filosofía da saudade* (Ourense, 2003).

entrevista

IHU On-Line – Hoje em dia, somos profundamente influenciados pelo cientificismo da Modernidade. Tendo isso em conta, será preciso repensar a ressurreição, nestes nossos tempos?

Andrés Torres Queiruga – O cientificismo afeta a interpretação de todos os grandes problemas da teologia. E, sobretudo, aqueles em que a relação entre empírica e interpretação se nos apresenta dum modo mais agudo. É evidente que a ressurreição é um destes casos.

IHU On-Line – Que tensões imprime a razão moderna à ideia de ressurreição? E como superar essas tensões?

O cientificismo afeta a interpretação de todos os grandes problemas da teologia

Andrés Torres Queiruga – Verifica-se, sobretudo, na nova consciência da autonomia da criatura, que não encara a ação divina como um intervencionismo que interfere nas relações empíricas das criaturas. A ressurreição é-nos apresentada em textos da cultura anterior, não vindo nenhum deles de uma testemunha ocular. Se tomados ao pé da letra, como narrações de factos observáveis, são impossíveis de conciliar entre si. Precisam, por isso, de uma interpretação teológica que recupere o seu sentido originário: a revelação de que Jesus não ficou preso nem aniquilado pela morte, mas que – em pessoa – está vivo e glorificado em Deus, e, a partir de Deus, presente na história.

IHU On-Line – Em que medida podemos afirmar que a doutrina imprime uma visão, essencialmente, mítica da ressurreição? Quais os riscos, limites e potencialidades dessas perspetivas míticas?

Andrés Torres Queiruga – Correm-se riscos quando se tomam as coisas ao pé da letra. Não quando, mediante uma hermenêutica que vá ao fundo dos símbolos narrativos, se recupera o seu significado real.

IHU On-Line – A ressurreição deve ser entendida como facto histórico? Em que medida essa perspetiva reduz o carácter transcendente da ressurreição?

Andrés Torres Queiruga – Hoje em dia, é convicção comum, na teologia atual, que não se trata de um facto histórico, se por isso se entender a possibilidade de ser acessível aos métodos da ciência histórica, como a entendemos atualmente. Mas seria falso entender não histórico como não real. Compreende-se bem esta questão, se se pensar que o mesmo se pode e deve afirmar acerca da realidade de Deus: afirmamos que não é histórica no primeiro sentido, mas sim no segundo.

IHU On-Line – **Como compreender o significado do sepulcro vazio na narrativa da ressurreição? E o que está implícito quando Cristo, na narrativa de João 20:17, diz à Madalena: “Não me detenhas”?**

O falso realismo levaria à irrealdade

Andrés Torres Queiruga – O sepulcro vazio pertence ao género das narrações em estilo intervencionista. Mas não parece imaginável tomado ao pé da letra. De fato, não é demonstrável historicamente, ainda que alguns o pretendam. Mas também não se vê qualquer sentido na expressão “três dias” cronológicos durante os quais haveria um cadáver que depois desapareceria: como? Transformado, aniquilado...? Com a certeza, em qualquer dos casos, de que não seria empírico, visível ou palpável fisicamente, porque isso equivaleria, precisamente, a negar a ressurreição, convertendo-a na revivificação de um cadáver. E sobretudo, neste caso, sendo físico, o **Ressuscitado** estaria limitado pelas leis espaciotemporais. Não poderia, portanto, estar presente em todos os lugares da igreja e do mundo. O falso realismo levaria à irrealdade.

IHU On-Line – **Teologicamente, o que significa crer na “ressurreição da carne”?**

Andrés Torres Queiruga – Significa que Jesus não foi aniquilado pela morte, mas que continua a ser ele mesmo na sua identidade pessoal, não diminuída, mas potenciada enquanto glorificada em Deus. A **ressurreição da carne** – prefiro dizer a ressurreição dos mortos – é uma afirmação de Jesus já plenamente realizado como Jesus Cristo.

IHU On-Line – **Que Deus é esse que se revela na ressurreição de Cristo?**

Andrés Torres Queiruga – Já Jesus o afirma: o Deus dos vivos e não o Deus dos

mortos. O que ressuscita os mortos, todos os mortos e todas as mortas, desde o começo do mundo.

***IHU On-Line* – Que relação podemos estabelecer entre o Deus de Abraão, que salva o filho do crente, e o Deus do Novo Testamento, que entrega o seu próprio filho em sacrifício?**

Jesus foi entregue à morte pela injustiça e pela maldade dos homens. Deus, assim como Jesus, teve de ‘suportar’ esse crime

Andrés Torres Queiruga – Há que advertir, antes de mais, que a narração de Abraão e Isaac é simbólica, pois, como mostrei no meu livro *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus* [1], não foi um acontecimento real, mas um símbolo maravilhoso – se não for tomado ao pé da letra – da confiança plena em Deus, cuja fidelidade é maior e mais firme do que todas as possíveis crises e tentações.

Em segundo lugar, Deus nunca entregou Jesus à morte, no sentido normal que estas palavras têm, pois, pensar assim seria atribuir-lhe um crime horrível. Jesus foi entregue à morte pela injustiça e pela maldade dos homens. Deus, assim como Jesus, teve que “suportar” esse crime: Jesus, para permanecer fiel à verdade salvadora que anunciava; Deus, por respeito para com a liberdade humana. O tema necessitaria de explicações mais detalhadas. Mas é suficiente pensar no caso dos mártires de ontem e de hoje. Alguém imagina que Deus entregou D. Romero [2] à morte? Ou que D. Romero queria ser assassinado?

***IHU On-Line* – Quais os desafios para repensar os conceitos da teologia, a partir do reconhecimento da autonomia das criaturas?**

Andrés Torres Queiruga – Essa é a grande tarefa da teologia atual. É preciso repensar tudo:

a) desde a fidelidade ao Deus de Jesus, revelado como amor e misericórdia infinita, e como perdão incondicional, que nos convida a segui-lo e a colaborar com Ele, como filhos e filhas; e

b) dentro de nossa cultura, cuja autonomia o Vaticano II [3] afirmou dever ser respeitada, estudada e aproveitada.

IHU On-Line – **Deseja acrescentar mais alguma coisa?**

Andrés Torres Queiruga – Que surjam novas pessoas que decidam empenhar-se a fundo numa **teologia** incansavelmente fiel a Deus, profundamente inculturada e fraternalmente comprometida com a humanidade atual.

Entrevista de JOÃO VITOR SANTOS a ANDRÉS QUEIRUGA

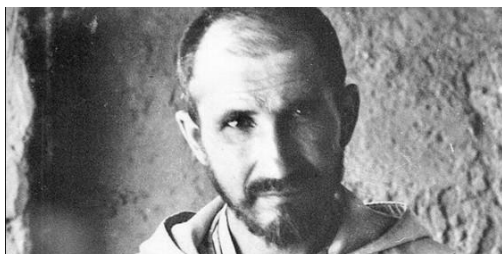
<http://www.ihu.unisinos.br/577478-a-ressurreicao-revela-o-deus-dos-vivos-que-supera-a-morte-entrevista-especial-com-andres-queiruga>

Notas:

[1] *Del Terror de Isaac al Abbá de Jesús: Hacia una nueva imagen de Dios*. (Editorial Verbo Divino, 2000). (Nota da IHU On-Line)

[2] D. Oscar Romero (1917-1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto celebrava missa, na tarde de 24 de março de 1980. A sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o num mártir. Em fevereiro de 2015, foi beatificado pelo papa Francisco. Conferir nas Notícias do Dia, do sítio do Instituto *Humanitas Unisinos - IHU*, a entrevista especial com Anne Marie Crosville D. *Oscar Romero ajudou a fortalecer o meu compromisso com os mais pobres*. Ler, também, as notícias publicadas em 9-11-2009 *El Salvador reconhece responsabilidades no assassinato de Dom Romero* e as de 20-5-2007. Pedida a canonização de *Oscar Romero na V Conferência*. D. Oscar Romero foi beatificado no dia 23 de maio de 2015, em San Salvador. (Nota da *IHU On-Line*)

[3] Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. O seu encerramento ocorreu a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a conceção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio enfrentou a resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e os seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista do Instituto *Humanitas Unisinos - IHU*, publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. Cinquenta anos depois* e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*. Em 2015, o Instituto *Humanitas Unisinos - IHU* promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na *IHU On-Line* 466, de 1-6-2015. (Nota da *IHU On-Line*)



É por causa de pessoas assim
que o mundo é poupado,
e Deus continua a ter
misericórdia com aqueles
que o esquecem,
ou o consideram morto

assim era CHARLES DE FOUCAULD

ainda existem os que estão à espera de Godot

CONHECI UM HOMEM QUE FEZ DE TUDO NA VIDA. Dizem que foi ateu e marxista e que chegou a ser mercenário da Legião Estrangeira francesa, tendo disparado contra muita gente.

De repente, **converteu-se. Tornou-se monge sem sair do mundo.** Foi trabalhar como estivador. Mas dedicava todo o seu tempo livre à oração e à meditação. Durante o dia recitava mantras: “Jesus, valei-me”. “Jesus, perdoai os meus pecados”. “Jesus santificai-me”. “Jesus, fazei-me amigo dos pobres”. “Jesus, fazei-me pobre com os pobres”.

Estranhamente, tinha uma forma muito própria de rezar. Pensava: **se Deus se fez homem em Jesus, então, quer dizer que se tornou alguém igual a nós:** fazia chichi, choramingava para mamar, fazia beicinho quando se sentia incomodado com a fralda molhada.

Ao princípio, Jesus teria gostado mais de Maria, depois afeiçoou-se mais a José, coisas que os psicólogos explicam. E, tal como as nossas crianças, foi crescendo a brincar com formigas, a correr atrás dos cachorrinhos, a atirar pedras aos burros e, por marotice, a levantar as saias das meninas para as ver ficar furiosas, como imaginou, irreverentemente, **Fernando Pessoa.**

E, então, o nosso monge rezava a Maria, a mãe do Menino, imaginando como ela mimava o seu Jesus, como lavava no tanque as suas fraldinhas, e como preparava a papinha para o Menino e comidas mais substanciais para o esposo, o bom José. **E alegrava-se interiormente com tais elucubrações, porque as sentia e vivia de coração comovido.** E chorava, muitas vezes, cheio de alegria espiritual.

Ao tornar-se monge, optou por aqueles que fazem do mundo a sua cela e que vivem, radicalmente, a pobreza junto dos pobres: **os Irmãozinhos de Foucauld.** Criou uma pequena comunidade na pior favela da cidade. Tinha poucos discípulos. A vida era muito dura: trabalhar com os pobres e meditar. Eram apenas três que acabaram por desistir e ir embora. Aquela vida, assim exigente, não era para eles.

Viveu em vários países, mas foi sempre ameaçado de morte pelos regimes militares, sendo obrigado a esconder-se e a fugir para outro país. E aí, passado algum tempo, era de novo perseguido. No entanto, ele sentia-se protegido pela mão de Deus. E por isso vivia despreocupado.

Ficava incomodado com a Igreja institucional, a do cristianismo apenas devocional e sem compromisso com a justiça dos pobres. Finalmente, porém, conseguiu juntar-se a uma

paróquia onde se fazia trabalho popular. **Trabalhava com os sem-terra, com os sem-abrigo e com um grupo de mulheres.** Acolhia prostitutas que vinham chorar as suas mágoas junto dele. E que saíam consoladas.



Corajoso, organizava manifestações populares frente à sede dos responsáveis municipais, e incentivava a ocupação de terrenos baldios. E quando os sem-terra e os sem-abrigo conseguiam estabelecer-se no terreno, organizava belas celebrações ecumênicas com muitos símbolos, as chamadas “místicas”.

Mas todos os dias, depois da missa da noite, se deixava ficar, durante longo tempo, metido na igreja escura. Apenas a lamparina lançava uns titubeantes lampejos de luz, transformando as estátuas mortas em fantasmas vivos, e as

altivas colunas em bruxas estranhas. E lá **permanecia, impassível, olhos fixos no sacrário, até que chegava o sacristão para fechar a igreja.**

Um dia fui procurá-lo à igreja. Perguntei-lhe de chofre: “irmãozinho, (não revelo o seu nome para não o entristecer), porventura sente Deus, quando, depois dos seus trabalhos, se deixa ficar, aqui, na igreja a meditar? Ele diz-lhe alguma coisa”?

Com toda a tranquilidade, como quem acorda de um sono profundo, olhou-me meio de lado e disse apenas:

“Não sinto nada. Há muito tempo que não escuto a voz do Amigo (assim chamava a Deus). **Houve um tempo em que o escutei. Era fascinante. Enchia os meus dias de música. Hoje, já não escuto nada. Talvez o Amigo nunca mais me torne a falar”.**

Foi altura de eu retorquir: “então, por que continua a vir todas as noites ajoelhar-se na escuridão sagrada da igreja”?

“Continuo”, respondeu ele, **“porque quero estar disponível; se um dia o Amigo quiser vir, sair do seu silêncio e falar, eu estarei aqui para o escutar. Imagine que Ele me queria falar e eu não estava aqui? É que Ele vem, apenas, uma única vez. Que seria de mim, infiel amigo do Amigo?”** E assim ele continua sempre **“à espera de Godot. Sem se mexer”** como termina a peça de **Samuel Beckett.**

Deixei-o com a sua plena disponibilidade. Saí dali maravilhado e pensativo. **É por causa de pessoas assim que o mundo é poupado, e Deus continua a ter misericórdia com aqueles que o esquecem, ou o consideram morto,** segundo disse um filósofo que ficou louco. Mas há os que vigiam e esperam, contra toda as esperanças continuam à espera de Godot. Esta espera faz com que, em cada dia, tudo seja novo e cheio de jovialidade.

Um dia o sacristão foi dar com ele inclinado sobre o banco da Igreja. Pensou que estivesse a dormir. Apercebeu-se de que o corpo estava frio e rígido.

Como o Amigo não viera, foi ele ao seu encontro. Agora, já não precisa de ficar à espera da chegada de Godot. Está com o seu Amigo, a celebrar uma amizade, na maior cumplicidade, pelos tempos sem fim.

Leonardo Boff. Filósofo e teólogo.

<https://leonardoboff.wordpress.com/2017/04/26/existem-ainda-aqueles-que-esperam-godot/>